Haddad sofre pressão de alas do governo

RIBAMAR OLIVEIRA

BRASÍLIA — Um mês depois de ter assumido em definitivo a Presidência da República, Itamar Franco enfrenta a primeira crise expressiva em seu Ministério. O ministro da Justiça, Maurício Corrêa, e o consultor-geral da República, José de Castro Ferreira, travam uma luta nos bastidores do governo contra o ministro da Fazenda, Paulo Haddad. Os dois defendem a adoção de medidas de impacto contra a inflação, enquanto Haddad descarta essa alternativa, por considerá-la uma aventura.

Esta semana, a disputa atingiu a sua temperatura mais elevada, em virtude, principalmente, do repique da inflação em janeiro — o Índice de Preços ao Consumidor Amplo Especial (IPCA-E) chegou aos 30%. Quando esses indicadores começaram a chegar ao Palácio do Planalto, os assessores próximos identificaram uma mudança no humor do presidente. "Ele está nervoso e inquieto com essa situação", diz um parlamentar.

O Palácio do Planalto começou então a se preocupar com o fantasma da hiperinflação. O grupo mais próximo a Itamar tem procurado convencer o presidente, segundo importantes fontes da área econômica, de que a política de curto prazo desenvolvida pelo ministro da Fazenda, marcada pelo gradualismo, não tem dado resultados práticos visíveis até agora.

A análise dos amigos do presidente sustenta também que, ao contrário do discurso oficial fartamente veiculado, o governo está adotando os mesmos instrumentos ortodoxos utilizados pelo ex-ministro da Economia Marcílio Marques Moreira: elevação dos juros e controle da moeda. Com o agravante de que o resultado obtido com o uso desse receituário é justamente o oposto do desejado pelo presidente, que quer a retomada do desenvolvimento.

Resistência — *Haddad tem resistido. Ele argumenta que qualquer iniciativa unilateral do governo contra a inflação repetirá práticas adotadas pelo ex-presidente Fernando Collor. Além disso, representará uma nova violência contra os contratos particulares — o que Itamar já disse que não fará.*

Em defesa da sua estratégia, Haddad afirma que qualquer alternativa heróica de combate à inflação está condenada ao fracasso porque não dará solução para os graves desequilíbrios das contas públicas. Ele sustenta que esses desequilíbrios precisam de soluções negociadas com o Congresso e com os governadores, como, por exemplo, a rolagem das dívidas de US$ 57 bilhões dos Estados e dos municípios.